

## TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS FEMININAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM ESTUDO DE CASO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP.

**Thamires Vieira Martins de Melo, Lidiane Maria Maciel, Fabiana Felix do Amaral e Silva.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, [thamires.vmelo@gmail.com](mailto:thamires.vmelo@gmail.com), [lidiane@univap.br](mailto:lidiane@univap.br), [fabiana.amaral@univap.br](mailto:fabiana.amaral@univap.br).

### Resumo

O número de pessoas em situação de rua aumenta a cada ano, atualmente são 281 mil pessoas nesta condição, este fenômeno considerado calamidade pública ainda carece de recursos e planejamento de políticas públicas (IPEA, 2023). Esta pesquisa estuda a relação das trajetórias identitárias femininas em situação de rua com o território urbano do município de São José dos Campos - SP, como estas se apropriam do território e constroem seus significados e sentidos em suas trajetórias de vida. Para isto, será realizado um estudo de caso exploratório, de abordagem qualitativa, empregando para a coleta de dados a análise documental, etnografia, e entrevistas semiestruturadas. Almeja-se que esta pesquisa possa contribuir na proposição de políticas públicas e no planejamento do território que considere a constituição das trajetórias identitárias femininas e no desenvolvimento de futuras investigações numa perspectiva humanizada das populações vulneráveis e marginalizadas.

**Palavras-chave:** população em situação de rua; gênero; território; trajetórias identitárias.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas – Planejamento Urbano e Regional.

### Introdução

Considerando que o número de pessoas em situação de rua aumenta a cada ano, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) houve um aumento significativo de 211% de 2012 para 2022, com uma aceleração recente no crescimento, são 281 mil pessoas nesta condição, este fenômeno considerado calamidade pública ainda carece de recursos e planejamento de políticas públicas (IPEA, 2023).

O estudo das trajetórias identitárias e a produção do território contribuem para a reflexão e elaboração de políticas públicas, que considerem as diferentes vivências que o gênero impõe à condição de estar nas ruas. O espaço público historicamente de domínio masculino, estigmatiza a mulher que habita esses espaços, sendo esperado pela sociedade que o lugar ocupado pela mulher seja o espaço privado (FEDERICI, 2017; TIENE, 2004). O que nos traz o questionamento sobre a experiência cotidiana da mulher ao habitar o território da rua.

As mulheres em situação de rua são minoria se comparada aos homens, um fator que contribui para este número se deve ao fato das mulheres serem responsáveis pelo cuidado dos filhos, em contraponto ao número reduzido de homens que assumem esta responsabilidade (QUIROGA; NOVO, 2009). A vida nas ruas para a mulher envolve a exposição a situações extremas, como, a violência física, psicológica e sexual, o que as leva a desenvolverem estratégias que garantam a sua sobrevivência, como, se vestir de forma masculinizada na tentativa de diminuir estas violências; estabelecer uma relação com um companheiro homem que garanta a sua proteção (QUIROGA; NOVO, 2009; TIENE, 2004). No entanto, este mesmo companheiro em que seria depositado o papel de proteção, pode vir a agredir a mulher que já se encontra vulnerável à situação de rua (ROCHA, 2021). Deste modo, a ida às ruas pode não ser representativa da noção de liberdade como é apontada pelos homens (QUIROGA; NOVO, 2009).

Assim, esta pesquisa tem como objetivo estudar a relação das trajetórias identitárias femininas em situação de rua na cidade de São José dos Campos - SP, para isto, realizou-se um estudo de caso exploratório, com o uso da análise documental, etnografia e entrevistas semiestruturadas. Os resultados preliminares apontam para a intersecção do gênero como um fator preponderante na vivência do território da rua.

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

## Metodologia

Esta pesquisa utilizou-se do estudo de caso exploratório múltiplo — com a intenção de estudar vários casos, busca-se as variações a partir de um problema comum, e não a uniformidade (ALMEIDA, 2016) — tendo como delimitação da unidade-caso: mulheres em situação de rua no município de São José dos Campos-SP e as suas trajetórias identitárias de apropriação do território.

Buscou-se iniciar pela investigação macroestrutural deste fenômeno social, a partir de dados secundários, com a pesquisa bibliográfica sobre as representações hegemônicas da população em situação de rua, no processo histórico, material e social de formação do território brasileiro e a constituição identitária desses sujeitos vistos como “outsiders” (BECKER, 2019).

Em seguida, aproximando-se da unidade-caso “mulheres em situação de rua” e suas “trajetórias identitárias”, foi realizada uma pesquisa documental (GIL, 2008), a partir da seleção de dez histórias de mulheres em situação de rua do livro “A cidade que ninguém vê” (LIMA, V., 2016), que foram selecionadas para análise de suas narrativas. Neste sentido, a investigação avança para a dimensão microestrutural e com o recorte de gênero, dentro do universo pesquisado.

Com o objetivo de aprofundar na coleta de dados da unidade-caso “trajetórias identitárias de mulheres em situação de rua” e a “apropriação do território de São José dos Campos-SP”, é que se realizou a pesquisa de campo por meio da etnografia (MAGNANI, 2002) dos lugares que estas mulheres circulam pelo território de São José dos Campos, e na realização de entrevistas semiestruturadas (LIMA, M., 2016) com participantes que estivessem vivenciando ou tivessem vivenciado trajetórias de situação de rua.

A coleta de dados foi realizada a partir dos espaços públicos do município de São José dos Campos que possuem maior concentração da população em situação de rua e as entrevistas efetuaram-se diante da autoidentificação das participantes com o gênero feminino (quadro 1).

As entrevistas foram realizadas em local público, onde a pessoa a ser entrevistada se sentiu mais confortável, com o uso de roteiro de entrevista e gravador de áudio, e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este projeto foi submetido à Plataforma Brasil para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sendo aprovado pelo parecer consubstanciado nº 6.051.541 em 10 de maio de 2023.

Quadro 1 - Identificação das participantes da pesquisa e local da entrevista.

CÓDIGO	IDADE	RAÇA/COR	IDENTIFICAÇÃO	NATURALIDADE	TEMPO EM SITUAÇÃO DE RUA	DATA DA ENTREVISTA	LOCAL DA ENTREVISTA
A1	35	parda	Mulher cisgênero	São José dos Campos-SP	2 meses	28/05/2023	Calçada da rua de acesso a Rodoviária Nova.
A2	37	preta	Mulher cisgênero	Minas Gerais	Domiciliada* *Trajetória em situação de rua	30/05/2023	Parque Vicentina Aranha
A3	26	preta	Mulher cisgênero	São José dos Campos-SP	1 mês	02/07/2023	Calçada da rua de acesso a Rodoviária Nova.
A4	24	preta	Mulher cisgênero	Jacareí-SP	1 ano	02/07/2023	Calçada da rua de acesso a Rodoviária Nova.
A5	27	branca	Travesti	Jundiaí-SP	1 ano e mês	18/07/2023	Viel lateral da Igreja da Matriz.

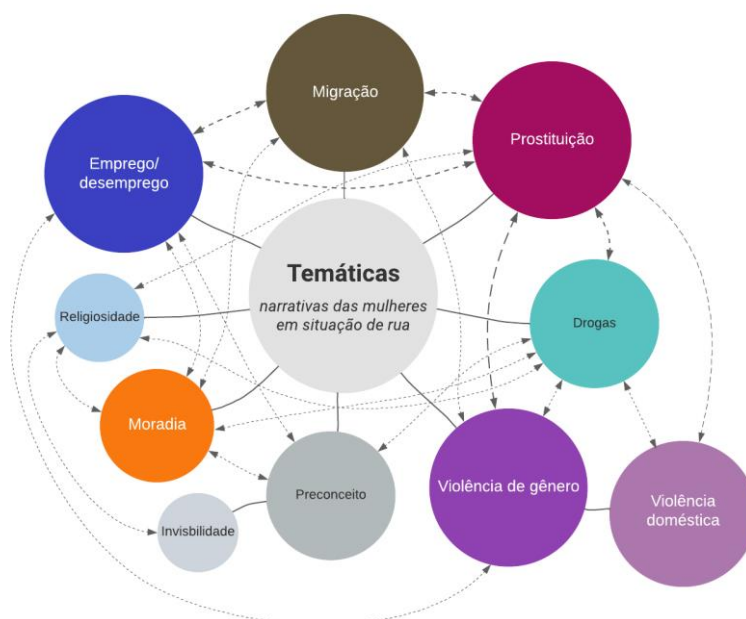
Fonte: elaboração própria.

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

## Resultados

As histórias das mulheres entrevistadas no livro “A cidade que ninguém vê” (LIMA, V., 2016) apontaram para a complexidade do fenômeno da população em situação de rua, dos múltiplos fatores que levam uma pessoa a estar nesta condição, tais como, a questão da migração e do trabalho, na busca por melhores condições de vida; o conseqüente desemprego e perda da moradia; o uso de álcool e outras drogas que pode ser causa para a situação de rua, como também, conseqüência de se estar nesta condição. A figura 1 demonstra um esquema visual da recorrência e correlação das temáticas mais citadas nas narrativas das dez histórias analisadas: emprego/desemprego (5), migração (5), prostituição (5), violência de gênero (5), violência doméstica (4), drogas (4), preconceito (4), moradia (3), religiosidade (2) e invisibilidade (1).

Figura 1 - Esquema visual das temáticas das histórias analisadas.



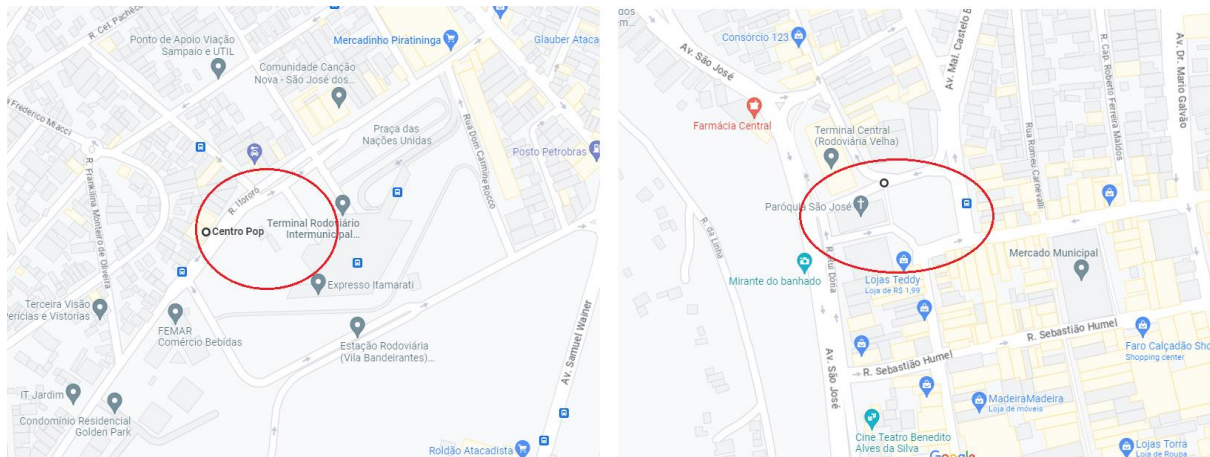
Fonte: elaboração própria.

A análise documental permitiu visualizar um panorama sobre as vivências de mulheres no território da rua que embasaram a coleta de dados a campo, que consideraram a intersecção do gênero como um marcador social da diferença (ZAMBONI, 2014) que estão presentes nas diferentes trajetórias identitárias.

Assim, foram realizadas cinco entrevistas com as participantes identificadas pelo código A1, A2, A3, A4 e A5, no período de 28 de maio a 28 de julho de 2023, no qual, observou-se que a presença de mulheres nestes territórios é menor se comparada aos homens, corroborando com a pesquisa nacional sobre este segmento (SAGI, MDS, 2009). Assim, os locais onde constatou-se a presença feminina de modo recorrente foram: o Terminal Rodoviário Intermunicipal Frederico Ozanam (Rodoviária Nova) e as imediações da Praça Padre João Marcondes Guimarães (Praça Igreja Matriz) conforme a figura 2:

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Figura 2- Mapa do território etnografado de maior concentração da população pesquisada.



Fonte: elaboração própria a partir do Google Maps (2023a; 2023b).

Há que se considerar que as desigualdades também são racializadas e classistas, assim como as pesquisas apontam que a população em situação de rua é composta pela maioria de pretos e pardos, nas entrevistas realizadas as participantes também são. E a desigualdade socioeconômica é uma realidade para este segmento populacional, no caso das participantes da pesquisa, o desejo de mudar a sua situação socioeconômica é presente em suas narrativas: **“O problema não é alugar a casa, o problema é o caução da casa...é isso que tá quebrando as minhas perna, se não eu já tava dentro de uma casa...mas eu vou tá”** — fala da entrevistada A1; **“Eu queria arrumar um serviço, ter uma casa, sair da rua e não viver assim como a gente vive, entendeu?”** — fala da entrevistada A4; **“me erguer na vida, assim, ter um cantinho pra mim”** — fala da entrevistada A5. Sem contar a sobrevivência diária na sua expressão máxima, quando informam que necessitam “pedir uma moeda”, “manguear”<sup>1</sup> para obter dinheiro para o seu sustento **“Pra sobreviver é, falando bem a verdade, é pedindo dinheiro na rua, tá ligado, a marmita, tudo...ou vende balinha, vende o que tiver né, o que dá pra gente fazer, a gente tá sobrevivendo desse jeito...”** — fala da entrevistada A1.

As participantes narraram situações de violência simbólica (BOURDIEU, 2022) da objetificação de seus corpos, pois o corpo feminino na rua é atribuído o domínio público, quando não estão sob o domínio de um homem, estar sozinha representa um risco a sua própria segurança, de sofrer uma violência: **“a gente é, vira até garota de programa, trata a gente como uma garota de programa, mas não é”** — fala da entrevistada A1; **“a gente vive num campo minado, assim, tem que tomar cuidado por todo o lado. Por isso que eu gosto do dia, né, aí anoitece, eu já fico, aí meu Deus!”** — fala da entrevistada A5; **“Na rua você não tem paz não, você tem que dormir com um olho aberto e outro fechado”** — fala da entrevistada A2. Contudo estar na companhia de um homem não as desvincula da violência, quando não, pode intensificar as situações de violência e opressão, como afirmam as entrevistadas A5 e A2: **“Eles, é, até pra deitar na cobertura deles, eles querem que a gente tenha uma relação sexual”**. — fala da entrevistada A5; **“a parte masculina se aproveitava muito da ideia da gente ser mulher (...) querer fazer o corpo da gente de moeda de troca pra usar a droga”**.

## Discussão

O livro “A cidade que ninguém vê” retrata uma realidade também evidenciada nas pesquisas com a população em situação de rua, em que a maioria das pessoas nesta condição são do gênero masculino,

<sup>1</sup> Ação de obter recursos para a sobrevivência nas ruas, buscando estratégias criativas ao se relacionar com as pessoas que oferecem estes recursos. O pesquisador Tomás Melo em sua dissertação nos oferece um glossário com as “Gírias da rua” (MELO, 2011).

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

estando as mulheres em minoria. E ainda, se tratando de raça/cor, as pessoas pretas e pardas são a maioria.

De acordo com a autora Rocha (2021) na sua dissertação sobre a trajetória de vida de pessoas negras em situação de rua na cidade de Santos/SP, ainda não há estudos sobre a população em situação de rua e as questões raciais, mesmo que esta seja maioria nesta condição.

As experiências das mulheres em situação de rua se diferenciam pelo recorte de gênero, os relatos das entrevistadas apresentam os atravessamentos da violência de gênero e da exposição de seus corpos por ocuparem um lugar que não lhes é de direito: a rua.

Para a autora Tiene (2004, p. 65) “O corpo da mulher, culturalmente, é considerado frágil e subordinado”. E com o surgimento de uma nova organização social, da Cidade-Estado, o homem passa a ocupar a esfera pública e representar a mulher, que devia permanecer no mundo privado (TIENE, 2004).

De acordo com Federici (2017, p. 144) para a mulher “...uma vida nômade as expunha à violência masculina [...] também tinham mobilidade reduzida devido à gravidez e ao cuidado dos filhos...”. Conforme aponta Davis (1998) apud Federici (2004, p. 200) “...as mulheres foram expulsas não apenas de muitos trabalhos assalariados, como também das ruas, onde uma mulher desacompanhada corria o risco de ser ridicularizada ou atacada sexualmente”. Assim, historicamente o papel feminino esteve destinado ao âmbito doméstico e privado, a mulher “dona de casa”, e àquela que transgredisse esse papel social era estigmatizada.

As experiências narradas também se diferenciam pelo recorte racial; na condição de ex-escravos e recém libertos, a população negra não foi inserida no processo produtivo como trabalhador livre e assalariado, ficando à margem restou-lhe o subemprego e o desemprego, e para a mulher negra: o trabalho de doméstica, o subemprego nas fábricas e a prostituição forçada (MOURA, 1977).

Deste modo, Moura (1997, p. 53) ressalta “Vindos da escravidão, esses mecanismos de peneiramento e compressão determinaram o posicionamento do negro até hoje nas últimas escalas do sistema de estratificação social”. Esse processo de estratificação conforme aponta o autor, fica evidente no fenômeno da população de rua, inclusive ao se analisar o recorte de gênero e a correlação entre raça, violência de gênero, prostituição, migração e desemprego nas narrativas apresentadas.

A violência de gênero perpassa as trajetórias de todas as participantes desta pesquisa, sendo elas, mulheres cisgênero e travesti, as identidades femininas na vivência da situação de rua têm seus corpos objetificados e estigmatizados. De acordo com Bourdieu (2022, p. 77, grifo do autor) na economia de bens simbólicos, ou seja, as relações de produção e reprodução do capital simbólico, as mulheres são objetificadas “as mulheres são negadas como sujeitos da troca e da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as à condição de objetos, ou melhor, de *instrumentos simbólicos* da política masculina”.

## Conclusão

Apesar da pesquisa estar em andamento, é possível tecer considerações finais a respeito da importância do estudo do território e a intersecção do gênero para o planejamento urbano e regional. Ao considerar que a experiência das trajetórias femininas ao habitar o território da rua vivencia a violência e a objetificação de seus corpos, esta análise fornece subsídios para se elaborar políticas públicas que considerem a proteção dos seus direitos, em um espaço que em muitos casos perpetua a violência.

## Referências

ALMEIDA, R. Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. *In*: ABDAL, A. OLIVEIRA, M. C. V. *et al. Métodos de pesquisa em ciências sociais. Bloco - Qualitativo*. São Paulo/CEBRAP São Paulo, 2016.

BECKER, H.S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

## A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

BOURDIEU, P. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** Tradução Maria Helena Kühner. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE MAPS. **Terminal Rodoviário Frederico Ozanam, São José dos Campos-SP.** Disponível em: <https://encurtador.com.br/nyKX6>. Acesso em: 16 ago. 2023a.

\_\_\_\_\_. **Praça Padre João, São José dos Campos-SP.** Disponível em: <https://encurtador.com.br/hrxAF>. Acesso em: 16 ago. 2023b.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Nota Técnica: estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022).** Disoc, fev., n. 103. Brasília: Ipea, 2023. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/4/NT\\_103\\_Disoc\\_Estimativa\\_da\\_Populacao.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/4/NT_103_Disoc_Estimativa_da_Populacao.pdf). Acesso em: 21 abr. 2023.

LIMA, M. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ABDAL, A. OLIVEIRA, M. C. V. *et al.* **Métodos de pesquisa em ciências sociais. Bloco - Qualitativo.** São Paulo/CEBRAP São Paulo, 2016.

LIMA, V. **A cidade que ninguém vê.** São Paulo: s.n., 2016.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MOURA, Clóvis. **O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

QUIROGA, J.; NOVO, M. Elas da rua: população em situação de rua e a questão de gênero. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua.** Brasília, DF: MDS; SAGI; SNAS, 2009, p. 157-172. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf). Acesso em: 28 dez. 2021.

ROCHA, V. F. J. *et al.* **Racismo estrutural: trajetórias de vida de pessoas negras em situação de rua na cidade de Santos/SP.** 2021. 154 f. Dissertação, (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) — Universidade Federal de São Paulo, Santos.

SAGI, MDS. I Censo e pesquisa nacional sobre a população em situação de rua - síntese dos resultados. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua.** Brasília, DF: MDS; SAGI; SNAS, 2009, p. 85-110. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Livros/Rua\\_aprendendo\\_a\\_contar.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf). Acesso em: 28 dez. 2021.

TIENE, I. **Mulher moradora na rua: entre vivências e políticas sociais.** Campinas, SP: Alínea, 2004.

ZAMBONI, M. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.